



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25

Telefone 82431

BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 ; — Ultramar e Ilhas
Ano, 50\$00 e 160\$00 ; — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

Composição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 12 DE FEVEREIRO DE 1966

VISADO PELA CENSURA

Regionalismo, Proficiência e Probidade Cartas de algures No aniversário de Rogério Calás de Carvalho

É ESTA a excelsa trilogia de «O BARCELENSE» que assim, continua a singrar em boa rota.

O timoneiro agora é outro, mas o rumo é o mesmo de sempre. Segue o trilho do regionalismo total, da isenção completa e da probidade absoluta. Indica os erros, sugere a sua emenda e expõe os interesses pessoais, em detrimento do interesse geral. — os interesses inconfessáveis. Luta, com coragem e persistência, na defesa verdadeira de Barcelos. A sua acção é o prolongamento do seu nome.

O seu novel director já deu provas cabais, nestes dois anos de exercício, de que é um proficiente Director. Melhorou e desenvolveu o jornal, criando outras secções e obtendo novos e valiosos colaboradores. Pode dizer-se, sem afoitamento, com justiça, que é «the night man in the right places». É filho de peixe e, portanto, sabe nadar... Está-lhe no sangue a técnica jornalística que herdou de seu pai, o saudoso Director, Rogério Calás de Carvalho. A sua já muito comprovada técnica, aliada à sua cultura intelectual (curra um dos últimos anos da Faculdade de Engenharia) dá-lhe foros de grande Director.

Mas não são, apenas, a técnica e a cultura intelectual do director que valorizam o jornal e o tornam credor da simpatia e preferência do público. Isso já é muito, mas não basta. É preciso, também, ter aprumo moral e saber orientar, com rectidão a defesa das causas justas. E ele é, também, um espírito ímpoluto. Não se deixa subornar. Renuncia ao «vil metal» que lhe oferecem para calar a voz da verdade, do interesse da Comunidade. Perde em dinheiro, mas ganha em consciência do dever cumprido, em admiração e reconhecimento dos barcelenses dignos desse nome. De que vale o dinheiro mal ganhado ou de origem obscura, de traição, se não luz, porque a dor que ele provocou ofusca-lhe o brilho (Ju-

(Continua na última página)

MAIS UM ANO

Síntese de Campanhas

LAVOURA — Adulteração de vinhos: sua indispensável repressão. Crise do vinho verde. Valor da Adega Cooperativa. Falta de mais Cooperativas. Grémio da Lavoura: ineficácia ou desinteresse de dirigentes? Abandono do meio rural.

(Continua na página 2)

D. Maria da Glória Vieira Duarte

No dia 18 do corrente completará mais um aniversário a Senhora Dona Maria da Glória Vieira Duarte, bondosa Esposa do ilustre barcelense, Senhor João Duarte, venerando industrial da nossa Terra.

«O Barcelense» ao cumprimentar e felicitar tão ilustre aniversariante, pede a Deus para que as bênçãos do Céu sejam tão grandes, nesse dia e sempre quanto o é a obra desenvolvida por tão caritativa Senhora.

VOLTAM À CENA mais umas tantas Cartas de Algures. Motivos de ordem particular impuzeram apreciável demora na costumada remessa, normalmente bi-mensal.

Certo é que durante este espaço de tempo, relativamente longo, que demorou o regresso, ninguém se apercebeu da falta das epístolas, e também o acaso não propiciou novo encontro com o amigo João Barceleno.

De resto, a falta deste apetecido encontro não faz mingua de maior à ventilação dos assuntos relacionados com os legítimos interesses de Barcelos, porquanto o diálogo que fortuitamente mantemos, apenas tem por objectivo evitar que sobre eles recaia o véu do esquecimento. Mais: os legítimos interesses de Barcelos não se limitam à cabeça do concelho; reportam-se a toda a extensa área deste e abrangem a própria região de que o concelho faz parte integrante.

Além da cidade, há que desviar solícita atenção às autênticas necessidades das freguesias rurais, tais como o funcionamento das escolas de instrução primária, as ligações telefónicas, fontenários e lavadouros

(Continua na última página)

Rogério Calás de Carvalho faria hoje anos, se a morte não o tivesse arrancado ao nosso convívio. Como sempre, nestas colunas, perpetuamos na sua memória, como preito de homenagem àquele que fundou «O BARCELENSE», o guiou durante cinquenta e três anos, com o aprumo e dignidade que todos conhecem. Mas tudo quanto poderíamos escrever sobre o nosso saudoso Director era bem pouco, pois o muito grande que a sua obra foi, uns conhecem-na, elevam-na e ao associar a obra ao Homem, concordam que se ela foi grande, Rogério Calás de Carvalho não conseguiu ser maior ainda porque se conservou igual a si mesmo, desprezando honras, dinheiro e cargos rendosos, pois queria em primeiro lugar a sua dignidade de homem ímpoluto, para poder falar bem alto quando

os interesses da sua Terra o exigiam. Por isso foi grande, e estamos certos de que ainda hoje o é.

No seu aniversário natalício, dirigimos as nossas orações a Deus para lhe pedirmos protecção para Rogério Calás de Carvalho, um homem que soube colo-

Festas a Santo António da Cidade

Vão levar-se a efeito este ano, conforme já anunciamos, as festas em Honra de Santo António da Cidade.

A Comissão Organizadora já se avistou com os Ex.mos Presidentes da Câmara e Comissão Municipal de Turismo, de quem receberam a promessa da maior colaboração. Espera, agora, que a população Barcelense, a quem se vão dirigir nos próximos dias, os recebam e auxiliem da melhor maneira, para que as Festas ao Santo Taumaturgo que se venera na parte alta da cidade, atinjam o maior brilho e projecção.



No 55.º Aniversário de «O Barcelense»

O PASSADO diz-nos que hoje comemora «O BARCELENSE» mais um ano de vida. É costume, e se o é, aqui estamos para fazer uma breve reflexão sobre o que foi a vida do nosso Jornal, procurando, todavia, não entrar nas lamentações da praxe, porque se existem, se há motivo para elas, cremos que foi desse sacrifício, desse esforço maior que conseguimos forças para aguentar o barco que o hábil timoneiro que foi Rogério Calás de Carvalho conseguiu aguentar durante cinquenta e três anos, sem nunca vacilar. A sua tempera era rija, fazia lembrar aqueles que sulcando Mares encapelados fizeram um Portugal maior. Conseguiu, não há dúvida, um «O BARCELENSE» sério, um Jornal querido e respeitado por leitores e amigos, fez reunir à sua volta nomes ilustres que lhe emprestaram valor, valorizando imenso o que hoje é o nosso Jornal. Se julgarmos que foi fácil continuar com a mesma linha de rumo, enganam-se. A vida tem imensas ratoeiras, prontas a disparar ao

menor descuido; por isso o caminho foi difícil, qual rosa ornada de acerbos espinhos.

Vencemos esse caminho? Naturalmente que sim, porque num ano realizamos o programa idealizado, e tanto que assim foi que chegamos a mais um dia 12 de Fevereiro, para comemorarmos mais um aniversário.

É sempre motivo de júbilo podermos dizer que «O BARCELENSE» cumpriu a sua missão de jornal regional e que o seu lema nunca deixou de se evidenciar em qualquer dos seus números. Por um Barcelos maior lutou-se até ao limite do possível. As instituições foram sacudidas; as iniciativas particulares foram alertadas; pedimos mais para Barcelos, no seu progresso material e humano; não esquecemos o concelho, o eterno sacrificado, e assim procuramos auscultar os seus anseios, trazendo a sua voz até à cidade ao criarmos a secção «Pelo Concelho». Abrimos as colunas aos bem

(Continua na penúltima página)

car Barcelos acima dos seus próprios interesses, amando a sua Terra até ao ponto de se sacrificar por ela.

Paz à sua alma e que Deus o guarde.

É PRECISO MAIS

EMBORA alguma coisa se tenha feito em benefício da nossa terra, está-se muito à quem daquilo que se poderia fazer. Quem visitar algumas vilas ou cidades do País e o não tenha feito há algum

(Continua na última página)

PARABÉNS

— NO 55.º ANIVERSÁRIO DE «O BARCELENSE»

Quando um jornal perfaz um ano mais Não resiste que diga: E'ia, chegamos! Que não é fácil, nem o foi jámais, Dar-lhe a vida que todos respiramos.

Difícil escalada a de um jornal, Transpor um ano é um feito incontestado, Pois tudo nele é luta sem igual, O próprio passo até condicionado!

Ora um ano mais de vida festejar «O Barcelense» vai, sem se queixar Do que passou p'ra se nos dar a ler.

Por isso todos nós o dever temos De o brindar, todos nós sabemos Que só o amor à Terra o faz vencer.

Porque não poupamos todos?

É FREQUENTE OUVIR-SE recomendações de poupança e de poupança nacional. Não chegam, porém, recomendações, quando os homens entendem que deveres são só para terceiros. Seriam precisos organismos de fiscalização, mas tão imparciais e desinteressados quanto respeito merecem os dinheiros que são o sangue dos povos porque deles saem para a despesa pública. E se a despesa é justa todos devemos contribuir sem o menor subterfúgio, para ela, o que não acontecendo, se corrompem as noções de respeito aos direitos do Estado e às obrigações perante ele.

É o caso de certas despesas que, sendo legais, não são lícitas e podem constituir roubo, palavra feia e repelida por muito boa gente que em várias ocasiões e de formas diferentes o pratica, afinal.

Nas ajudas de custas, nas representações de entidades, nos serviços públicos, nos usos dos objectos e pertenças de organismos para fins particulares, eis a oportunidade aliciante de causar prejuízo e que nos leva a perguntar:

Porque não poupamos todos?

Dizemos todos porque vários dos que pregam poupança não dão exemplo dessa mesma poupança que pregam. Um particular vê-se na necessidade de poupar por inúmeras circunstâncias adjuntas. A pessoa que disfruta de facilidades do cargo, da firma ou do organismo teria de ser ainda mais cuidadosa, exactamente por

(Continua na última página)

Nunca mais...

Olhar o fundo d'alma e ver nele um deserto
Com a sua luz branca e em negra escuridão
Sentindo muito longe aquilo que está perto
E só vendo de perto a amarga solidão...

Viver como uma moria, sem fala e sem vontade,
Escutando no além o que ninguém nos diz...
Sentir dentro de si tremer uma saudade
Sem saber, com verdade, se és tu que me sorris...

— Na aridez que me abafa o coração e a vida,
Que me estrangula n'alma o gosto de viver,
Só existe o terror de não achar guarida
Ao deixar esta vida e nunca mais te ver!

Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

«Ab assuetis non fit passio» — Para aqueles que não estudaram latim, eu faço a tradução nestes termos: «Já estão cansados de me aturar!»

Pode ser verdade... pode ser mentira. Em todo o caso, eu assim o entendo e, a dar força a esta ideia, está o tempo que acaba por bem nunca me sobrar para os afazeres diários.

Outro me sucederá, aliás com boa vantagem o que, diga-se, muito me alegro.

Não podia, porém, eu não devia «escapar-me» sem esta atenção para com os muitos leitores que, desde 14 de Junho de 1964 a 27 de Junho de 1965 e, depois de uma pausa de dezasseis dias, de 12 de Setembro do mesmo ano a 6 de Fevereiro de 1966, me acompanharam com a sua Leitura e até, muitos deles, com o estímulo que caridosamente me deram.

A todos agradeço a boa atenção, peço desculpa de qualquer incorrecção que possa ter havido — não

falando já das «gralhas» que, quase semanalmente, campeavam a rédeas soltas — e de todos me despeço com um profundo e fraternal abraço em Cristo.

Ao meu digno Director de «O Barcelense» e meu bom amigo Sr. Rogério Carvalho agradeço de modo muito especial e felicito pelo muito empenho que sempre revelou em que esta Secção surgisse e fosse agora continuada.

Aproveito o ensejo, no aniversário de «O Barcelense» lhe desejar as maiores prosperidades, e bem assim as mais copiosas bênçãos do céu.

P. Artur

Gincana de Automóveis

No próximo dia 8 de Março os alunos Finalistas da Escola Industrial e Comercial de Barcelos organizam uma gincana de automóveis, havendo numerosos e valiosos prémios, pelo que está a despertar enorme entusiasmo entre os desportistas norte-nhos.

Casa de Pasto

PASSA-SE

Bem afreguesada e em óptimo local, com paragem de carreiras de camionetas da Viação Auto-Motora em Barcelinhos.

Informa esta Redacção.

AVISO CHENOP

No próximo domingo das 8,00 às 15,00 horas será interrompido o fornecimento de energia eléctrica nos locais que se seguem: Avenida Alcáides de Faria, Campo 28 de Maio, Rua Elias Garcia, Avenida Combatentes da Grande Guerra, Largo da Estação, Avenida dos Caminhos de Ferro, Lugar das Torgas e Estrada do Bairro. Todas as instalações devem ser consideradas em tensão, a fim de evitar acidentes.

Barcelos, 8 de Fevereiro de 1966.

O Presidente,

Mário Fernando C. Correia (Dr.)

MAIS UM ANO

(Continuação da página 1)

Colaboração das aldeias: uma voz que é preciso ouvir.

SERVIÇOS MEDICO-SOCIAIS — Despoitismo? Queixas justificadas? Favoritismos injustificados? Uma instituição válida ao serviço de beneficiários — mas inválida se apenas servir beneficiados.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS — Soldados da paz. Vida por vida. Associações humanitárias que enobrecem Barcelos pelas actividades a que se dedicam, ao serviço de causas elevadas: ataque a incêndios, transporte de feridos e doentes, etc. Cultura popular — cinema.

JOAO DUARTE — O Homem a quem Barcelos mais deve. Precursor e primeiro impulsionador da Indústria Têxtil — a maior riqueza da região. Patrão exemplar e insubstituível na visão do problema social, à luz duma economia cristã: creche, refeitório, carrinha, bairro; subsídios pecuniários; elevação moral. A um capitalismo desenfreado de lucros, opôs sempre uma clarividente abertura à proliferação de riqueza e progresso locais. Barcelos precisa de mais Homens como João Duarte.

PAROQUIA — Venda da Casa dos Mendanhas: — interesses materiais sobrepondo-se a interesses espirituais e culturais do meio: falta dum edifício impróprio para Escola Técnica. Obstruccionismo ao diálogo — consequente falta de obras espirituais e sociais. Descalabro moral.

TEATRO — O C.I.T. — movimento juvenil pró-cultura e pro-arte. Deslealdade de elementos manejados pelas extremas.

FESTIVAL VICENTINO — airancada gloriosa do C.I.T.: esperança no interesse de jovens para as coisas do espirito — valores a apoiar e a estimular no futuro. Possível enquadramento numa associação cultural e artística com vitalidade, que bem poderia ser o grande Teatro Gil Vicente — em franco restauro.

EIROGO — Uma estância termal particular também ao serviço dos doentes pobres de Barcelos? — justificação de verbas.

ASSISTENCIA — Foi proposto para todo o país assistência médica interna nos hospitais — grande melhoria para os doentes mais necessitados. Homenagem ao Dr. Francisco Torres, incansável e prestimoso clínico a quem o Hospital de Barcelos muito ficou devendo.

Instituições de beneficência a amparar: Recolhimento do Menino Deus, Casa dos Rapazes, Casa de Santa Maria, Lactário de Santa Maria — obras de extraordinário alcance social na protecção à infância.

LICEU — Uma aspiração de que Barcelos não prescindir — justa e imperiosa necessidade ao serviço duma educação especializada, sobre a qual se construirá um futuro esperançoso.

OBRAS PÚBLICAS:

Largo da Calçada — um soberbo remendo numa camisa pobre.

Casa dos Magistrados — cuidadosamente estudada e planificada, mas impiedosamente relegada por razões absurdas.

Edifício da Escola Técnica — uma hipótese.

Edifício das Caixas de Previdência e Hospital da Misericórdia Novo — uma certeza.

Vencedor de ardilosas e antiquadoras manobras que «O Barcelense»

Festas de Anos

No dia 14 do corrente tem a sua festa natalícia o Sr. Augusto Dias Pimenta, nosso estimado amigo e



encarregado da secção de composição manual da Companhia Editora do Minho, desta cidade.

Felicitamo-lo por mais este aniversário, desejando que continue a fazer muitos mais anos.

No dia 12 faz mais um ano de vida o nosso prezado amigo e assistente Sr. Gaspar Dias Pimenta, co-



merciantes da nossa praça. As felicitações e os desejos de uma longa vida de sua esposa, filhos e netos.

continue a ser o grande arauto em prol de Barcelos e das suas gentes, que nele confiam.

Ercilia Novais Machado

SAMPEX

FÁBRICA DE MALHAS SAMPEX, L.^{DA}
CASAL DE NIL — BARCELOS

TELEFONE
8 2 4 8 7

Peúgas
Homem e criança

Malhas
Exteriores em todas as fibras.



MALHAS INTERIORES

Têxtil Correia & Machado, L.^{da}

AV. DR. SIDÓNIO PAIS, 17-A — TELEF. 82835 — BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS PAIMAR DE

Daiva, Mendes & Arantes, L.^{da}

APARTADO 36

TELEFONE 82827

BARCELOS
(PORTUGAL)

Malhas exteriores

Criações de luxo

Empresa Têxtil de Barcelos

S. A. R. L.

Fábrica de Malhas **TEBE**

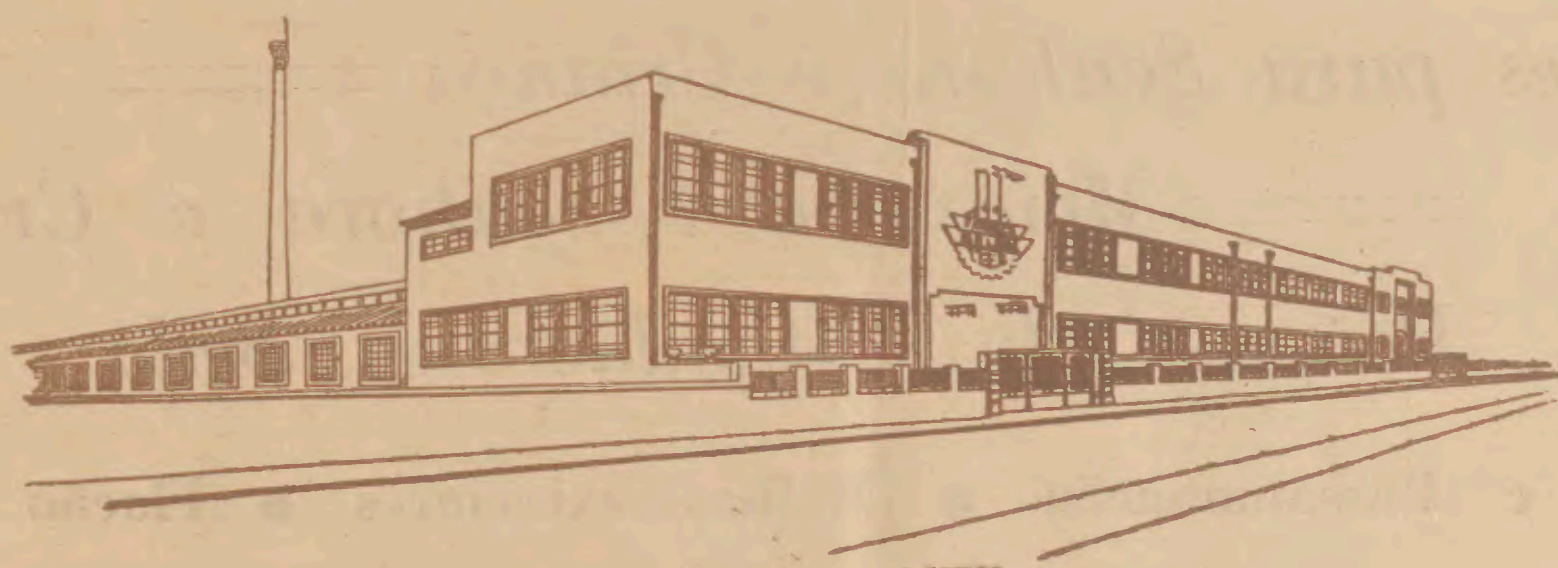
TEBE! Um nome respeitado ao serviço da economia nacional

A Fábrica de Malhas TEBE tem um artigo para cada gosto, um preço para cada bolsa e novidades para todas as ocasiões.



Ex.^{mo} Sr. Mário Campos Henriques
Presidente do Conselho de Administração da FÁBRICA DE MALHAS «TEBE»

Por estas razões, as malhas **TEBE** continuarão na vanguarda do bom gosto, que o mesmo é dizer: continuarão a merecer do público, em geral, a sua preferência em todas as ocasiões.



Telefones	BARCELOS	82385 — 82386 P. P. C.
		82411 — Gerência
	PORTO	22933
	LISBOA	34268
		327874 — Gerência
	Telegramas	— TEBE

Não esqueça! Na cidade, na praia, no campo, em viagem, em toda a parte, TEBE! Tem sempre artigos que lhe darão comodidade, conforto e elegância.

TEBE! AS MALHAS QUE SEMPRE VESTIRÁ

FÁBRICA BARCELENSE TÊXTIL JOÃO DUARTE

S. A. R. L.



Ex.º Senhor João Duarte

Presidente do Conselho de Administração da «Fábrica Barcelense»



Peúgas para Homem e Criança
Soquetes para Senhora e Criança ———
————— *Meias para Senhora e Criança*
Peúgas de Algodão e Seda

Elásticos e Passamanarias ● Malhas exteriores ● Fiação de Lã

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE PEÚGAS DO PAÍS

Representantes em:

PORTO—COIMBRA—LISBOA

TELEFONES P. P. C. 82214-5 ● TELEGRAMAS «TEXTIL» ● Apartado 1

BARCELOS

PORTUGAL

Grande esperança da vida

Mocidade e a sua Educação

Contemplar, permanentemente, com um frémito de amor, esta flor da vida — a mocidade — para que ela se dê totalmente aos pais e à Nação é imperativo de todos nós. É imperativo na medida em que a sua educação, administrada em moldes que buscaremos nas virtudes cristãs, como fonte de inspiração, possa constituir penhor seguro do futuro.

Para tanto, pais e educadores, subsidiados pela governação pública, têm de desenvolver a actividade adequada, à qual não pode ser estranho o sentido, eminentemente objectivo, dos meios conducentes.

Singular a atitude dos responsáveis pelo destino dos jovens quando, na outorga dos princípios salutareis da educação, instituem, através duma consciencialização pura, os ditames que hão-de nortear valores numa fase embrionária. Delicada, muito delicada, pelo aspecto de que se reveste, a missão de conduzir e amparar a mocidade nos tempos que vivemos.

A estranha emancipação dos rapazes e das raparigas, que forjam num mundo revoltado de coisas mesquinhas, mas tomado de grande e enganosa fascinação, a sua personalidade, só a poderemos conceber se se admitirmos a ineficácia dos processos de educar, por manifesta falta de autoridade, ou ainda se os pais, quiçá as autoridades, abandonarem as posições de combate e de disciplina sem tirania ou de orientação informadora.

Escudados, facilmente escudados numa formação subjectiva, rotineira, adquirida na rua — este, o grande mal — uma multidão de moços serve assim os seus devaneios e leva ainda para os lares paternos e até para a escola uma bagagem de verbosidade capaz de convencer «mundos e fundos».

É doloroso, para não empregarmos outro termo que exprima melhor ainda o estado de alma dos que sentem e vivem os problemas da educação da mocidade, contactar com muitos personagens duma vida vazia.

O remate de conversação que, em princípio, parece ter aspecto de seriedade, por se tratar de diálogo que entretém um ou mais adultos personalizados e uns tantos moços já numa idade de ideias concisas, é um autêntico chuva de surpresas.

Fala-se de banalidades, põe-se em jogo com o antipático «dizei eu, dizei tu», os gostos deste ou daquela; estupefação a conversa, que logo degenera no mau gosto de fazer alarde de um e mais cigarros fumados pelas meninas A e B, como se o «charme» das elegantes jovens estivesse naquele mundanismo, que apouca e, por isso, nada traduz do que existe na parte mais funda do ser humano, no caso sujeito, da mulher.

E os rapazes, referimo-nos aos irreverentes por excelência, importantes na sua conduta, como figurinos de bem vestir, honra lhes seja, levam a sua ousadia ao ponto de comentar, com ar desprezível, a dignidade dos «pobres pais», aos

quais não dão satisfações, segundo dizem.

São espantosas estas e outras manifestações de leviandade, que só a má criação poderá aplaudir.

Feitas estas considerações, páldas considerações sobre o que, infelizmente, é a mocidade dos nossos tempos, honra às excepções, o óbice da questão tem o seu carácter de fundamento nas anomalias da grande sociedade — grande, pela libertinagem dos costumes, que repele aos normas de conduta moral e espiritual, aprovadas pelo senso das pessoas bem formadas e pela letra dos textos constitucionais.

Parece-nos que é tempo de dar luta, sem tréguas, à situação de «educadores, precisam-se».

Os pais, que não devem abdicar, apesar da impertinente influência dos tempos, da sua posição de educadores responsáveis, por um lado, e os mestres, cuja autoridade docente não pode perder-se, somente, no exercício mecânico desta ou daquela matéria, bem coadjuvados pelos Poderes Públicos, têm de cumprir o programa de acção que o âmbito da educação exige para orientar da melhor maneira e valorizar a mocidade.

Respeito, educação cívica, ensinamentos escolar, moral e espiritual, todos ao mesmo nível, ministrados por indivíduos de bom escol, excelentes orientadores, são firme garantia de uma juventude capaz de sacrifícios, quando necessários, e respeitadora da ética que deve estar na base de uma sobrevivência vitalizada.

Com isto, não suponham uns tantos que pretendemos fazer a apologia da educação numa «redoma de vidro». Não! É preciso um mundo arejado para a mocidade afim de que, em todos os tempos, sinta os enlevos dos verdes anos.

Mas o que ambicionamos é um selo de autenticidade para a sua educação, sem o que a semente não produzirá os frutos da boa aparência e da acção, indispensáveis ao comportamento que a dignificará.

Os pais menos aptos, é certo, hoje em dia, são constantemente iludidos pela «subtileza das armadilhas» dos filhos que, em matéria de sabedoria, podem mais do que eles. E os mais aptos, seduzidos pela cadência acelerada da vida moderna, não têm tempo para impor o culto das boas maneiras e, como tal, deixam seus filhos, rapazes e raparigas, entregues a si próprios.

É preciso olharmos com atenção a educação da mocidade para que se possa promover a formação de homens e mulheres válidos, isto é, de indivíduos em condições de receber o belo testemunho «filho és pai serás», que os textos bíblicos exaltam e apontam para uma vida melhor.

A experiência dos adultos, preocupados com a educação dos filhos da mocidade em geral, obrigá-los-á a pensar como os filósofos e os moralistas que, unanimemente, preconizam a formação moral e inte-

No Aniversário de «O BARCELENSE»

Rasga-se hoje mais uma folha no calendário da existência para celebrar mais um ano de vida ao semanário «O Barcelense», jornal de carácter regionalista, sempre atento aos problemas da sua terra, cujo lema — «Por Portugal, Por Barcelos» — ele tem pugnado e defendido com o melhor carinho, fazendo jus à inteira consideração e apreço dos seus conterrâneos, que nele se habituaram desde há várias décadas a ver a legítima defesa dos interesses e aspirações da sua terra, certos de que este jornal sempre advogará as boas causas pugnando pelos mais prementes e necessários melhoramentos para a nossa terra.

Como amigo deste jornal desde longa data, não posso e não devo, ficar impassível perante o jubilo que vai na alma do seu Director, e dos presados colaboradores, pela passagem do 55.º aniversário, 55 anos que representam uma vida de lutas e canseiras em prol de Barcelos e seu concelho, sem enfraquecimentos e sem desânimos, sempre na primeira linha de combate, lutando pela defesa da sua Dama, a Rainha do Cávado.

Não queremos deixar passar esta jubilosa data sem deixar junto do túmulo de Rogério Calás de Carvalho, uma oração pelo seu eterno descanso, recordando com a maior saudade aquele que deu vida e empregou o melhor dos seus esforços durante 53 anos em favor deste querido e muito estimado jornal, alma boa e corpo de gigante que se agigantava sempre que o interesse e o bom nome da terra necessitassem de quem os defendesse com o melhor carinho, e sempre este querido amigo saiu triunfante nos seus combates, com a satisfação natural do dever cumprido.

Recordar Rogério Calás é recordar e dar vida às páginas mais gloriosas de «O Barcelense», que ele tanto amou e por ele tanto se sacrificou.

O seu sucessor, Sr. Rogério da

A VIRGEM

O povo humilde das nossas aldeias Minhotas tem um não sei quê de religiosidade típica para com a Virgem. Venera-a nos santuários, nos altares, nas ermidas trémulas e muito brancas do cimo dos montes entre tufos de verdura ou solitárias, nos escabrosos descampados de morros cinzentos.

Aqui é a Senhora da Saúde, mais além a Senhora do Rosário, um pouco ao lado a Senhora do Carmo e logo depois a da Boa Guia, das Graças, eu sei lá, uma infinidade de atributos à Mãe do Céu.

Do Sameiro, em Braga, à Senhora da Agonia de Viana do

Castelo, passando pela Franqueira e pela Senhora da Aparecida, tudo fala da devoção verdadeiramente filial que o povo Minhoto tributa à Virgem Mãe de Deus e dos homens.

Não contente ainda, esta boa gente quer rezar a cada momento, quer ver a cada instante a Imagem da Virgem e assim Ela aparece quer dentro, quer nas fachadas das habitações, nos becos tortuosos, nas paredes das encruzilhadas, em pedra já gasta pelo tempo ou em azulejos artísticos e multicolores.

...Tem um não sei quê de poesia e encantamento aquele pequenino nicho da Virgem ali, na gruta escurecida pelas heras e fetos enormes que a envolvem.

Fica mesmo na entrada da aldeia, numa esquina muito verde. E passam as crianças que se benzem, os trabalhadores que por momentos poíam as enxadas e tiram os chapéus ao partir e ao regressar do trabalho.

Um velhinho, muito agarrado ao hordão nodoso de carvalho, murmura uma prece, com os olhos de tal modo presos na imagem, que não dá pela minha chegada. Não quis perturbar aquele encantamento. Esperei alguns momentos. O velhinho voltou-se com intenção de seguir caminho. Então aproximei-me:

— Bom dia!
— Bom dia, menino, lhe dê Ela — respondeu apontando a Virgem.

— É um recanto de paraíso...

— disse eu desleixadamente.

— É menino, é... desculpe se lhe chamo «menino». A gente está habituada...

— Não se incomode, Sr. Manuel — respondi eu, ajudando-o a dar uns passos.

— Pois é bem como o menino disse, este lugar é o céu. Tenho passado aqui os momentos mais felizes da minha vida. Se não fosse Ela não sei que seria dos pobres como eu. Não temos outro refúgio para as nossas misérias.

Parou e fitou-me os olhos com franqueza. Depois continuou, apoiado a mim:

— Como seria negra esta vida sem o sorriso desta Mãe! E não é só o sorriso, nós sabemos que Ela nos ama, que olha por nós e nos vai dando o pãozinho para matar a fome...

Eu estava emocionado e ele olhou-me com um sorriso muito meigo que me enterneceu. Alguns passos adiante, deixei-o à porta da sua casita negra e voltei precipitadamente à gruta da Virgem. Ela lá estava com o meigo sorriso nos lábios... sorriso que é de todos: pobres e ricos, novos e velhos, doentes e saudáveis... porque Ela é Mãe!

Alfredo Saldanha de Oliveira

INGLÊS

Estudante dá explicações até ao 5.º ano Liceal.

Informa esta Redacção.

Completo-se o 3.º volume da enciclopédia «VERBO»

A função de uma enciclopédia não é a de proporcionar estudos exaustivos que supram a consulta de obras especializadas, mas sim a de fornecer, nos problemas fundamentais, os necessários elementos de introdução aos conceitos, de informação sobre o estado das questões, de orientação para o estudo e pesquisa das soluções, de referência das fontes bibliográficas para uma investigação mais completa.

Concebida como biblioteca orgânica de cultura, a «Enciclopédia VERBO», de que acaba de aparecer o 3.º volume, visa preponderantemente a uma apresentação sucinta, exacta e metódica, dos diversos domínios das ciências do espírito, da história e das artes, dos problemas essenciais das ciências puras e aplicadas, bem como das técnicas, em face da vida e do pensamento contemporâneos.

O homem de hoje, que tenha sido formado segundo o espírito do humanismo cristão, de que a comunidade luso-brasileira procede, ou, pelo menos, em convívio com as suas realidades ideológicas, necessita

lectual dos jovens para que se evite o grave risco da incompreensão que, coexistindo, afastá-los-á, pela vida fora, da verdadeira linha de rumo.

Luís António

de um instrumento, actualizado e sintético, de informação científica e de consulta. Com efeito, a extensão e complexidade dos campos do saber, a multiplicidade de problemas surgidos nas últimas décadas, as questões resultante das situações vertiginosamente criadas pelo mundo em que vivemos, postulam, sobre a cultura mais recente como sobre os temas clássicos, uma apresentação actual, coerente e metódica.

São estas as linhas gerais que presidem à elaboração da «Enciclopédia VERBO», organizada ao nível dos melhores trabalhos editoriais estrangeiros. O 3.º volume, que abrange, na ordem alfabética, os vocábulos compreendidos entre «Austria» e «Brasil» é boa prova de que esta orientação tem sido cumprida à risca, sem os desfalecimentos que deprimem e as ostentações que deslustram.

A «Enciclopédia VERBO» é publicada em fascículos de 80 páginas a 4 cores, e cada série de 12 fascículos constitui um volume com cerca de 1 000 páginas. Toda a planificação foi feita para que, na totalidade, a Enciclopédia se reparta por 12 volumes, o que, aliado ao formato elegante e cómodo que se elegeu, fará dela o instrumento de cultura e de informação, fácil e acessível, que os organizadores tiveram em mente realizar.

Combustíveis e Lubrificantes. Reparações em Automóveis. Acessórios.

Serviço MERCEDES-BENZ
MORRIS + AUTO-UNION.

Manuel Gonçalves de Castro

Estação de Serviço SACOR

Largo Dr. Martins Lima, 2

Telefones: 82408-82625

BARCELOS

SEGUROS

A MUTUAL DO NORTE

AGENTES GERAIS EM BARCELOS

CONSTRUÇÕES REUNIDAS DE PEREIRA, IRMÃOS, L.^{DA}

PELO CONCELHO

FRAGOSO

Eu te saúdo Amigo «O Barcelense» — Com a publicação do presente número completa «O Barcelense» 55 anos de fecunda actividade ao serviço da Pátria e do seu vasto concelho.

Fiel aos seus nobres princípios e sempre norteado por competente Direcção, conseguiu atingir sem que possa ser acusado mesmo pelos seus adversários de ter cometido erros graves, esta respeitável idade.

Agora inteligentemente dirigido pelo Ex.º Sr. Rogério Domingos da Costa Carvalho, illustre filho do saudoso Rogério Calás de Carvalho, está interessado em trilhar o mesmo caminho. Neste momento solene o seu representante em Fragoso, grato e reconhecido por todos os benefícios recebidos, saúde e cumprimento muito respeitavelmente todos quantos trabalham para o engrandecimento e prestígio deste querido semanário. Para o seu Director mais um caloroso abraço.

Torcato Vieira

TREGOSA

Intervenção cirúrgica — Para ser submetida a uma intervenção cirúrgica de urgência recolheu ao Hospital de Barcelos a Sr.ª Fé Miranda Chaves, esposa do assinante do nosso jornal, Sr. António Ribeiro Portela, Secretário da Junta desta freguesia.

Fazemos votos pelo seu completo e rápido restabelecimento.

G.

AREIAS DE VILAR

Festeja hoje o nosso jornal «O Barcelense» o seu aniversário, e não podemos deixar de agradecer a quantos nele trabalham, o carinho com que a sua personalidade tem sido mantida através dos anos. É este grande pequeno jornal conhecido e lido em quase todas as partes do mundo e acarinhado com saudade por quantos longe da sua e nossa Terra o esperam semanalmente para matar saudades e saber o que se passa na sua Terra Natal. Insere nas suas colunas as boas e más notícias, sendo franco nas suas palavras, e levando a verdade a toda a parte. Endereçamos, pois, as nossas mais sinceras parabéns a «O Barcelense» e para quantos lhe possam proporcionar uma longa e próspera vida.

Ainda estamos longe do Domingo de Ramos, mas é preciso que se vá pensando em formar uma Comissão que leve a efeito, este ano, a Procissão do Senhor dos Passos. Todas as freguesias próximas, onde desde sempre se tem realizado tal solenidade, têm mantido a tradição sem desfalecimento. Na nossa terra todos somos católicos. O que nos falta é a confiança mútua e não confiarmos em nós próprios. Haja união, e tudo, mesmo tudo, se conseguirá sem críticas desnecessárias e muitas vezes em prejuízo do progresso da terra em que vivemos. Temos uma Igreja digna de grandes manifestações religiosas e o comemorar a maior afronta que a humanidade já mais viu. O Mártir do Gólgota, é um dever de todos os cristãos e católicos. Preciso se torna, por isso, o lembramos com tempo, vigiar o estado em que se encontram as alfaias próprias para essa solenidade e mandar reparar o que de reparação precise. Há na nossa Terra homens novos, que precisam de mostrar o quanto valem, sabem e querem. «O Barcelense», disse estamos certos, estará sempre junto daqueles que quiserem trabalhar no bem comum.

Com o tempo invernosos que se tem feito sentir, é fraca a visibilidade dentro dos edifícios, como se pode verificar em todos os repartições comerciais e em todas as repartições públicas onde predomina o trabalho de escrita e leitura. Lamentamos, que estando o nosso edifício escolar a pouco mais de dez metros da linha de corrente eléctrica, se encontrem as suas duas salas envolvidas na penumbra, causando, como não pode deixar de ser, um grande esforço no sistema visual das crianças, que poderão, quem sabe, vir mais tarde a causar doenças irremediáveis.

De quem a culpa? Das Professoras? Da Câmara Municipal? Não sabemos. Pedimos no entanto aos responsáveis, que, sendo possível como é a electrificação da nossa escola, que não prejudiquem por mais tempo um dos órgãos mais sensíveis das crianças e das professoras.

Das casas a mandar construir no Lugar da Devesa pela Direcção do Hospital Granja de São José, já três se nos apresentam como concluídas, embora só uma se encontre habitada.

O sítio das Alminhas do Padrão que foi muito tempo para as pessoas supersticiosas como um sítio de mau agouro, passa desta forma a perder essa mal intencionada fama.

Ao Ex.º Sr. Senhor Director, pedimos para mandar colocar na esquina da Casa mais a poente uma lâmpada exterior, que iluminaria a calçada, sendo um grande passo no progresso e um grande benefício para quem se dirige à Igreja de manhã cedo. Antecipadamente agradecemos pois temos a certeza da boa vontade de

Sua Ex.ª, em trabalhar pelo bem comum.

Fazem anos — Em 13, o Sr. Augusto Matos Rodrigues do lugar da Devesa e a Ex.ª Sr.ª D. Maria Albertina Soares, esposa do Sr. José Joaquim Gonçalves Esteves, do lugar da Cachada.

— Em 16, a Ex.ª Sr.ª D. Liberta Gonçalves Coelho, esposa do Sr. João de Campos Ribeiro, empregado Fabril, residente em Lagos.

— Em 18, o Sr. Daniel Gomes de Azevedo Matos, do lugar da Aldeia.

A todos endereçamos os nossos sinceros parabéns com o desejo de muitas felicidades.

Doente — Encontra-se melhor o que com muita alegria registamos, a esposa do Tesoureiro da Junta de Freguesia, Ex.ª Sr.ª D. Cécilia Adelaide Matos, do lugar da Aldeia.

C.

REMELHE

Aniversários — No dia 24 de Janeiro teve o seu aniversário o Sr. João Maciel de Brito Limpo Trigueiros, proprietário desta freguesia, e industrial em Barcelos da fábrica têxtil «Vale do Cávado».

— No mesmo dia teve a sua festa natalícia a menina Maria Elisabete da Torre Esteves.

— No dia 31 a Sr.ª D. Maria Isabel Leal Limpo de Faria Trigueiros, esposa do Sr. Eng.º José Júlio de Brito Limpo Trigueiros.

Que estas datas se prolonguem por muitos anos, são os nossos votos.

Vida Militar — No dia 24 de Janeiro seguiu para Braga, para o Regimento de Infantaria n.º 8, o jovem Manuel Gonçalves Alves, filho do Sr. Augusto Araújo Alves, proprietário desta freguesia, do lugar de Vilar, uara assentar praça na mesma unidade militar.

— No dia 3 de Fevereiro regressou da nossa Província da Guiné, onde esteve em serviço militar o soldado António Souto da Costa, do lugar de Casal Novo, filho da Sr.ª Joaquina das Dores Ferreira do Souto e de Domingos Gomes da Costa, sendo recebido com grande alegria, não faltando os já tradicionais foguetes.

Falecimento — No dia 4 de Fevereiro faleceu na sua casa, no lugar de Casal Novo, desta freguesia de Remelhe, o Sr. José Joaquim Esteves que era casado com a Sr.ª D. Ana da Silva Ferros. O funeral realizou-se no dia 5 para o cemitério paroquial.

A sua morte foi muito sentida, pois era pessoa muito estimada nesta freguesia. A família em luto os nossos sentimentos.

Junta da Capela-Jazigo do Senhor D. António Barroso — Estiveram ultimamente onde agradeceram graças, pedindo outras, os sr.ªs: David Leite de Sousa, Maria do Sameiro Sousa, Fernando Chaves, de Braga; Luísa Rodrigues da Silva, António Ernesto Roque Pedroso, Maria da Piedade Lima Pedroso, Júlio da Cunha Soares Maciel, José Alves, Maria Alves Maciel, do Porto; António Mimoso, de Lisboa; Maria Ferreira de Amarante; Oscar António Veiga, de Santa Marta de Portuzelo; Rosa Simões, do Brasil; José Barroso de Araújo, António Pereira de Magalhães, de Barcelos; Manuel Fernandes Pinto, Maria Alice Pinto, de Pernalicão; Ernesto Pereira, de Brufe; Manuel Ferreira Seara, de Lage; Manuel da Silva, António Cardoso Gonçalves, Angela Rosa Brandão de Faria, de Oleiros; Artur da Cunha, da Póvoa de Lanhoso; Fernando da Costa Correia, Deolinda Ferreira Lopes Correia, de Riba de Ave; Manuel Luis Rodrigues Gomes, de Airó; Manuel da Silva Duarte, Maria da Conceição Gomes Duarte, Maria Eugénia Duarte, Maria de Fátima Duarte; de Luanda e Ilda Pereira Leite, do Porto.

C.

ARCOZELO

Bairro Dr. Oliveira Salazar — Já por mais que uma vez temos chamado a atenção para o estado de má conservação das casas desta zona habitacional, a pedido dos seus moradores, e nunca é demais insistir nos mesmos propósitos, porquanto a saúde e integridade física das pessoas que nelas habitam nos merece o maior respeito e apreço, pois constatamos que os seus reparos nesse sentido são justos e humanos, e como tais dignos de ser atendidos.

A conservação das referidas casas que já de si era precária, presentemente tem-se agravado e tende a agravar-se cada vez mais, com as péssimas condições atmosféricas que vimos suportando neste húmido e rigoroso inverno.

De nada vale os seus habitantes, isto é, aqueles que disfrutam de melhor situação financeira, fazerem obras de conservação nas casas à sua custa, principalmente no interior das mesmas, porque a humidade que vem penetrando pelos telhados e paredes causa-lhes estragos consideráveis nas pinturas, facto que infelizmente até se verificou nos edifícios que ficam situados logo à entrada deste bairro, os quais, não obstante terem sido reparados no ano passado, já se encontram com os tectos repletos de bolor, o que também se verifica nas demais casas do mesmo bairro. Tudo isto se verifica pelo deficiente acabamento das casas, e má ventilação dos telhados, assim como também, pela fraca qualidade

de parte dos materiais que foram empregados na construção das mesmas casas.

Tem a Ex.ª Câmara indicados para superintender e zelar pela conservação deste bairro, um Vereador encarregado deste pelouro, e a sua Repartição Técnica, mas com franqueza o dizemos, raras vezes estes Senhores se dispõem ao cuidado de dar um passeio por este bairro, como julgamos seria de suas atribuições, para se certificarem do estado das casas, e das obras que mais necessitam.

O rendimento que estas casas dão anualmente à nossa Edilidade, cremos seria suficiente para dele se retirar uma certa verba que poderia fazer face anualmente com as obras de conservação que sempre são necessárias efectuar.

Os moradores pedem muito respeitosamente por intermédio deste jornal, a fineza de se mandar proceder a uma rigorosa vistoria a todos os prédios para se inteirarem dos que de momento se encontram mais necessitados de reparação, e depois também se casarem, como de há muito estão a pedir.

Não será possível a Ex.ª Câmara no seu próprio interesse e boa administração, tomar providências neste sentido?

Al fica o pedido de centenas de moradores, na esperança de um acolhimento.

Serviços dos Correios — Continuam os moradores do dito Bairro Dr. Oliveira Salazar, a espera que a Ex.ª Administração Geral dos C.T.T. atenda, como é da maior justiça, o pedido feito nas colunas deste semanário, para lhes ser distribuída a correspondência aos domingos e dias de feriados, a criação dum posto telefónico público e venda de selos, um receptáculo apropriado para depositar a correspondência, e outras pequenas coisas que com o mesmo pedido se prendem.

Já lá vai um ano que este pedido foi feito e até à data nada se fez no sentido de serem satisfeitos os anseios e desejos desta zona urbana, prolongamento da cidade, quando é certo existir num bairro vizinho deste a distribuição aos domingos.

A entidade que superintende neste serviço, os moradores apelam no sentido de que dentro em breve lhe concretizem tão premente aspiração.

É necessário que a entidades oficiais se convençam de que Arcozeiro também é cidade, e possui muitos habitantes seus na sua zona periférica.

Saudações a «O Barcelense» — Completa mais um aniversário o nosso querido jornal, e não queremos deixar passar esta data sem endereçar ao seu distinto e dinâmico Director, as nossas melhores saudações, formulando o voto de que continue o seu programa de acção em favor de Barcelos e do seu concelho, como até aqui tem feito com geral satisfação.

Hidrio Eurico Gomes Ramos

ALDREU

Daqui pedimos à Ex.ªs Redacção deste jornal o favor de não interpretar mal as palavras, como aconteceu no jornal de 22 de Janeiro. Numa frase que diz: Com o prometimento que todos os lavradores fizeram do Imposto de Trabalho ser destinado para a electrificação; o que eles não levaram a bem; e com certa razão, o prometimento foi feito que seria, sim, para a electrificação, mas não foi a eles mas sim às Juntas de Freguesias.

Assim como outras palavras que têm sido omitidas, sem qualquer razão.

O correspondente, vive com a maior parte dos habitantes, e apenas se limita a dizer a verdade, e quando o faz é sempre para bem do progresso da freguesia, aliás o que é necessário fazer chegar até aos responsáveis, são algumas anomalias praticadas nesta freguesia, que já é bem tempo de serem resolvidas. Qualquer assunto a que nos temos referido que nos dá respeito, são na verdade assuntos que se justificam sem ser preciso ser testemunhados, nem tão-pouco se trata de política ou vingança. Apenas o fazemos na intenção de vimos melhorar um pouco a freguesia, lembrando o nosso direito esquecido, e que sabemos não ser do conhecimento dos responsáveis do Município.

Escola — Os pais queixam-se de que os seus filhos não aprendem convenientemente as lições. Ora o trabalho incansável das senhoras professoras não pode dar resultado, pois o espaço de que dispõem para ensinar mais de cem crianças é exiguo, sendo antipedagógico. Urge rapidamente dar-se solução ao problema escolar, construindo-se a escola primária pelo plano dos centenários. Assim não podemos continuar a ensinar a nossa juventude.

Registo Civil — Aproveitamos este meio para fazer chegar ao conhecimento dos habitantes de Tregosa, Fragoso e Palme, que já se encontram em Aldreu na casa do Sr. Cândido Dias de Miranda, o Posto do Registo Civil.

Chegadas — Para passar férias com seus familiares deu-nos o prazer de vir até nós, vindo de Luanda, o Sr. Dr. Dário Xavier de Queirós e sua esposa D. Deolinda Ribeiro de Queirós, a quem desejamos boas-vindas.

Baptizados — No passado domingo receberam as águas baptismas, na Igreja Paroquial, a filha muito querida da Sr.ª Olívia Fernandes da Silva e do nosso amigo Emerenciano Alves Maciel. Foram padrinhos o Sr. Jaime da Silva Rodrigues, assinante deste jornal «O Barcelense» e sua esposa. A néfita foi posto o nome de Maria Irene.

Também com o nome de Amadeu, recebeu as águas baptismas o filho do nosso amigo Sr. Manuel Ferreira Barbosa e da Sr.ª Maria Etelvina Carvalho da Cruz.

Desejamos Felicidades.

por grande necessidade, para que a nossa juventude em idade escolar possa realmente ter instalações condígnas, onde se formem e aprendam algo do que possa ser útil à sociedade.

Procuremos pois, solucionar este grande problema que se encontra nas mãos das autoridades locais, para poderem mostrar ao Ex.º Sr. Presidente da Câmara a grande necessidade de um novo edifício escolar nesta freguesia, pois nós confiamos na sua boa vontade de procurar servir a nossa freguesia. Todos unidos e mãos à obra.

Obras na Capela de S. Brás — Em reunião efectuada com os membros da Comissão das obras de S. Brás foi resolvido começarem os trabalhos para a abertura dos alicerces e desarranjo do escadório, que começaram na última segunda-feira, a cargo dos membros da comissão e para a próxima semana estarão estes trabalhos a cargo de todos os habitantes desta freguesia.

Para já encontra-se bastante pedra no recinto, bem como o escadório que já foi removido, para que dentro em breve se dê início às obras.

Aguarda-se com expectativa a colaboração de todos, para que não fique com o título das «obras de S. Torcato».

Aniversário de «O Barcelense» — Com este número comemora este Semanário cinquenta e seis anos de vida que representa um mundo de cansaças e trabalhos em luta de defesa pela cidade de Barcelos e seu vasto concelho.

Assim tem sido a vida de «O Barcelense». Ao seu incansável e digno Director Sr. Rogério Domingos da Costa Carvalho que continua a obra de seu saudoso pai Sr. Rogério Calás de Carvalho, as minhas felicitações e os parabéns pela passagem de mais um aniversário na vida de «O Barcelense».

Serviço Religioso — No passado dia 2 do corrente, teve lugar na igreja paroquial a bênção das velas, seguida da Santa Missa e bênção do Santíssimo Sacramento.

Depois de terminada a novena em Honra de S. Brás que decorreu com grande concorrência de fiéis, teve lugar na capela deste Glorioso Santo uma missa cantada pelo grupo coral da J.A.C.F. e celebrada pelo nosso incansável Pároco, à qual assistiu um grande número de fiéis.

Aniversário de correspondência — Comemora hoje o primeiro aniversário da sua correspondência para «O Barcelense» o correspondente de Vila Cova.

Um abraço de felicitações ao Dig.º Director de «O Barcelense» pela forma tão simpática como nos tem cedido as colunas do seu jornal para que continuemos a lutar em defesa do progresso de Vila Cova.

Ao grande número de assinantes que através destas crónicas nos honraram com a sua assinatura, as nossas felicitações.

Para Angola — Depois de ter passado uma temporada nesta freguesia junto de sua família, partiu novamente para Angola o nosso amigo e assinante Sr. Firmino Sousa Matos.

Que tenha uma feliz viagem e boa estadia nessa provincia portuguesa.

Da Guiné — Da Província da Guiné onde exerceu a missão de defensor da Pátria, regressou a esta freguesia o Sr. Luis Barroso de Sousa.

De Luto — Pelo falecimento de seu tio Sr. Padre Bonifácio Lamela, ocorrido na passada segunda-feira, encontra-se de luto o nosso prezado amigo Sr. Jorge Cupertino Lamela da Silva e sua esposa Sr.ª Professora D. Isolina Gomes da Costa, residentes nesta freguesia.

Aos nossos prezados leitores pedimos uma oração por a alma deste bondoso e venerando sacerdote, que foi o fundador do Circulo Católico de Barcelos.

A família em luto, em especial ao Sr. Jorge Lamela, sentidos pésames.

Aniversário — Passou ontem, dia 11 mais um aniversário o nosso prezado amigo Sr. Domingos Ribeiro de Lima.

Ao jovem estudante apresentamos os nossos parabéns e um grande abraço de felicitações pela passagem do seu aniversário.

T. N. Alves

Explicações

Professora, licenciada em Ciências Biológicas dá explicações de: **Matemática 1.º e 2.º ciclos dos liceus e Fisico-Químicas 2.º ciclo do liceu.**

Falar Telef. 82339

Vende-se

Casa Torre, de dois andares, com lojas próprias para comércio, jardim e terreno de horta.

Tratar com

— Domingos Pires Lavado, e José António Pereira.

Banco Pinto & Sotto Mayor

ASSEMBLEIA GERAL

Reuniu na Sede do Banco Pinto & Sotto Mayor, na Rua do Ouro, em Lisboa, a Assembleia Geral Ordinária, sob a presidência do Senhor Professor Afonso Rodrigues Queiró, para apreciação do relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1965, expressos em documento que está a ser profusamente distribuído, e a que nos referimos oportunamente, destacando então o rapidíssimo engrandecimento daquela Instituição que, em cerca de cinco anos, passou a ocupar lugar de primeiro plano na Banca portuguesa.

Ao iniciarem-se os trabalhos usou da palavra, em nome do Conselho de Administração a que preside, o Sr. Eduardo Furtado, que começou por saudar o Presidente da Assembleia Geral e todos os presentes, prestando em seguida homenagem à memória do Antigo Presidente do Conselho de Administração, Senhor Dr. Carlos Barbosa, pondo em destaque as suas altas qualidades e os relevantes serviços prestados à Instituição.

Antes de terminar, o orador acrescentou ainda:

«Finalmente, não poderíamos deixar de afirmar que a definição de toda a política que seguimos se deve a António Champalimaud, à sua inspiração, ao seu dinamismo de trabalho incansável ao serviço da grandeza da Nação. Mercê dessa política e como o Relatório justamente destaca, os lucros têm sido, na sua maior parte, destinados a Reservas e Provisões, a consolidar os alicerces da Instituição.

Posto que o Relatório analisa com precisão e sem lacunas o panorama nacional e internacional em que se desenrolou a vida económica do ano findo e detalhadamente aprecia o Balanço e as ilações que dele se podem tirar, creio que nada mais em nome da Administração tenho a acrescentar às palavras que acabo de proferir.

Que a energia, o entusiasmo e a dedicação de todos possam no ano corrente confirmar a confiança que temos no êxito da nossa missão».

Verificou-se em seguida a intervenção do accionista Sr. António Champalimaud, figura de relevo nos meios industriais e financeiros do País, que de maneira notável e com o brilho já habitual, proferiu as afirmações que a seguir se reproduzem:

«Perante a especial acuidade que asumiram algumas facetas dos problemas bancários — nada, felizmente de fundamental para o crédito, em si próprio, que em Portugal continua, agora, a ser dirigido por mão segura e de indiscutível competência —, tenciono hoje gozar do privilégio que esta Assembleia me proporciona, mas não para falar em nome dos banqueiros.»

E mais adiante referindo-se ao Ultramar:

«Habitado desde 1944, a, por vocação, drenar para África alguma administração, técnica e capitais, não posso ficar insensível à notícia de que o Banco está prestes a ser autorizado e pronto a iniciar as suas operações no Ultramar, aliás, na sequência de posições aqui tomadas e defendidas desde o período dos dias mais negros de Angola.

Suponho que a Assembleia não terá dúvidas em continuar a aprovar a atitude da Administração, embora não as tenha, também, quanto às inúmeras possibilidades que, certamente, se lhe abriam para aplicação da sua capacidade e de uma parte dos bens próprios da Instituição em Continente de mais cômoda e segura reputação.

Mas o facto é que a decisão tomada se insere, pela via das realizações, numa linha de política financeira que está nos fundamentos da própria política ultramarina portuguesa, que encara a expansão da produção como meio de assegurar a defesa, cujos imperativos estão colocados acima de tudo o resto.

Com efeito, desenvolvendo-se as operações de intervenção e vigilância das nossas Forças Armadas em Províncias que representam a grande percentagem da área nacional, afigura-se que os recursos necessários à luta têm que ser gerados, com esforço igual, em todo o território português, se quisermos que haja proporção entre o volume das produções e os consumos da defesa.

Em todo o caso, é a utilização judiciosa do imposto que terá de exer-

cer aqui papel fundamental, pois, como acabam de nos dizer na sua assembleia geral os mais prestigiosos banqueiros desta praça, é aos detentores do capital que cabe, em última análise, ditar o domicílio que mais lhe convém.

A nossa resistência assenta numa determinação política que terá por base a coragem da raça e os recursos materiais de que dispomos.

E eu vejo no grande volume de capitais próprios que o Banco leva para o Ultramar, uma homenagem expressiva aos que se batem nas frentes de batalha e no campo da produção para manter em África o homem português.»

Como elemento financeiro dos mais destacados que existem em Portugal, António Champalimaud não podia deixar de se referir à Política Bancária, dizendo:

«Deve ter sido bem recebida nesta casa a nova legislação, na parte respeitante ao que os seus inspiradores apelidavam de desleal concorrência bancária; esperemos que outra competição, então mais séria, não venha instalar-se em seu lugar. O rápido crescimento do Capital e das Reservas deste Banco, mostram o esforço feito pelos accionistas, quer ao acorrerem a novas emissões, quer em se contentarem com fracas remunerações, com o fim de fortalecerem a estrutura da Instituição. E com base nessa estrutura que a lei determina o direito de cada estabelecimento à abertura de agências e, por isso, se aguarda, agora, uma política que não menospreze o esforço realizado. E se tudo se cumprir, pode ainda esperar-se que, com menor competição se consigam maiores resultados com menos conseqüências. E a conseqüência não se deve realmente ter furtado o Banco na campanha de regionalização a que meteu ombros para despertar por esse País fora, com intensa estimulação, o movimento geral que levou os Bancos à recolha de grandes massas de poupança, arredadas, até aí, do processo do crescimento económico. A mobilização dessa poupança, juntamente com o Capital que tem sido gerado pelo acrescido grau de intensidade que os Bancos comerciais passaram a imprimir às operações feitas com base nos dinheiros que se encontram à sua guarda, é que lhes permitiu financiar em grande escala e sem curto inflacionista, a expansão económica nacional a que assistimos a partir dos princípios da presente década.

.....

O grande sector dos utilizadores dos serviços dos Bancos comerciais não duvida que os Banqueiros desejem tomar novas e acrescidas responsabilidades para além daquelas que, antes, lhes asseguravam bon proventos como agentes de colocação, sem risco real, de títulos do Estado ou de Empresas de primeira ordem; ou, ainda para além daquelas que resultam dos financiamentos de importações que o país faz, mas que já não precisaria de fazer, de parte daquilo de que se alimenta e que a sua agricultura e a sua frota bem lhe podiam fornecer se, por vezes, não se preferisse pagar em ouro ao estrangeiro aquilo que em Portugal se liquidaria em papel, embora por uns poucos escudos a mais; na verdade, parece, por vezes, que falta o papel onde abunda o ouro.

Seja como for, os Bancos comerciais demonstram cabalmente estarem empenhados, a fundo, na resolução dos grandes problemas postos pelas crescentes necessidades de financiamento, quer dos particulares, quando aspiram à posse de uma casa; quer dos industriais, quando necessitam expandir as suas actividades; quer dos comerciantes — crédito à exportação — quando pretendem vender equipamentos nacionais aos próprios nacionais ou ao estrangeiro, em condições de prazo de pagamento concorrentes com aquelas que o estrangeiro lhes oferece; quer, enfim, dos agricultores, quando estes procuram novas técnicas de produção que implicam inclusivamente, a sua integração ou a das suas actividades em sociedades anónimas ou de tipo cooperativo, com todas as exigências que representam de intensivo investimento e vultoso capital de maneio.

Perante a grandeza e novidade das tarefas que se apresentam e demandam solução em ritmo extraordinário, é natural que o crédito tenha sido lançado na procura de novas fórmulas que lhe permitam o acompanhamento adequado da evolução geral que se vai vivendo.

Por outro lado, ao homem médio, cujo número cresce em função do progresso técnico, pelo que deste resulta de progresso económico, cada vez lhe abrimos maiores possibilidades de acesso à saúde, ao recreio, à cultura e também à propriedade e à sua renovação, no desenrolar daquilo a que se chama progresso social.

.....

No domínio que agora nos inte-

ressa, a evolução geral que se está operando, dirigida no sentido de uma economia de produção, conduz a que o crédito tradicional de curto prazo, prestado pelos Bancos de depósito a operações tipicamente comerciais, nomeadamente de importação, faça a passagem ao crédito a médio prazo, dirigido a operações produtivas, inclusivamente de exportação.

E este, realmente, um dos grandes signos sob o qual a evolução do crédito está decorrendo em muita parte.»

E a terminar António Champalimaud referiu:

«Para V. Ex.^a, Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Geral, que acaba de usar para comigo de longa paciência, digna de um grande jurista-consulto, vão os meus afectuosos agradecimentos, logo seguidos de uma palavra de muito apreço e amizade para os Administradores que cumprimento na pessoa do seu novo Presidente, guindado ao mais alto posto pelos méritos próprios e em homenagem aos 40 anos de carreira dentro do Banco, ao lado de tantos outros que o têm acompanhado em dedicação e aprumo inextinguíveis!»

E já que falo de muito trabalho, não passo adiante sem uma palavra de alto e sincero apreço por esse grande trabalhador que é o Fernão Ornelas, nosso Administrador Delegado.

Também, as boas vindas à Administração, para o João Raposo de Magalhães a quem o pelouro do Ultramar vai dar muito que fazer.

Antes de dirigir as palavras que desejo ao Carlos Barbosa, agora entrado no Conselho Fiscal, vão para os seus Membros e para o seu ilustre Presidente, meu caro José Machado, os meus afectuosos agradecimentos pelo carinho mais do que desinteressado com sempre nos acompanhando.

Tradições cujas raízes mergulham tão fundo no tempo como as da nossa própria Instituição, passam a ter em si, Carlos Barbosa, o seu grande esteio depois do falecimento de seu ilustre Pai a cuja memória rendemos de novo sentida homenagem.

Não estará já dito tudo de quanto mais expressivo poderia dizer aos Directores do Banco e a todos quantos com dedicação tornaram possível os resultados manifestados no Balanço, nas palavras de alto apreço que dirigi aos Corpos Gerentes?

Julgo que sim.»

(Continua na penúltima página)

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Capital e Reservas de Esc. 413.000.000\$00

Agência em BARCELOS

Largo da Porta Nova, 40 a 43—Telefone 82318—Telegramas: OTTOS

Sede em LISBOA

Rua do Ouro, 18 a 38 — Rua do Comércio, 134 a 140
Rua de S. Julião, 147 a 153

Filial no PORTO

Praça da Liberdade, 26 a 31

Agências

Águeda — Algés — Almada — Barcelos — Beja — Braga — Cascais — Chaves — Coimbra — Fundão — Guimarães — Leça da Palmeira — Leiria — Moscavide — Oliveira de Azeméis — Pombal — Portimão — Póvoa de Varzim — Régua — Santo Tirso — Viana do Castelo — Vila Franca de Xira — Vila Nova de Gaia — Viseu

Dependências urbanas de Lisboa

Benfica — Campo de Ourique — Estefânia — Lumiar — Miguel Bombarda — Morais Soares — Praça de Londres — Restauradores — Santa Apolónia — Santa Marta — Santos-o-Velho — São Mamede

Dependências urbanas do Porto

Antero de Quental — Campanhã — Infante D. Henrique — Mouzinho de Albuquerque — Palácio do Comércio

Correspondentes nas principais Praças do País e do Estrangeiro

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Descontos — Depósitos à ordem e a prazo — Aberturas de crédito — Câmbios — Transferências — Títulos — Compra de cupões

Todos os nossos depositantes estão automaticamente seguros contra ACIDENTES PESSOAIS na Companhia de Seguros CONFIANÇA.

Viúva de José Araújo Gonçalves, & Filhos

FÁBRICA DE CONSTRUÇÃO E CAIXOTARIA

Madeiras de Construção e Exportação,
Nacionais e Estrangeiras

CARPINTARIA MECÂNICA, LENHAS, ETC.

TELEFS. Fábrica—82343 = Resid.: Vilar do Monte—86127

Avenida Alcades de Faria

BARCELOS

SOCIEDADE COMERCIAL

CASA DO CAFÉ, L.^{DA}

ARMAZENISTAS E TORREFACTORES

TELEFONE 82390

Secção de Retalho e Torrefacção

RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 61-63

Armazém

CAMPO CAMILO CASTELO BRANCO, 108

RUA DA MADALENA, 30

BARCELOS



DEPÓSITO DE LOUÇAS E VIDROS

DE

António Vasconcelos do Vale

(CASA FUNDADA EM 1909)

TELEFONE 84125

Grande e variado sortido de louças para todos os fins Domésticos e Ornamentais

AREIAS S. VICENTE

BARCELOS

Francisco Lopes da Silva

SERRAÇÃO + MADEIRAS + MOAGENS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO + ETIQUETAS

PALHA DE MADEIRA



Agente dos Cimentos «PATAIAS»



AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 9

TELEFONE, 82339

BARCELOS

COSTAS & QUINTELA, L.^{d.}

FÁBRICA DE SERRAÇÃO + CARPINTARIA MECÂNICA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Palha de madeira + Etiquetas de Madeira em Branco e Impressas

Parquetas + Madeiras + Tacos + Lenhas + Toros

Telhas + Tijolos + Cimentos, etc.

Telefone, 82742

BARCELOS



RELOJOARIA LISBOA

RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 67 — BARCELOS

RESPONSABILIDADE TÉCNICA DE:

JAIME MATOS ARAÚJO

(RELOJOEIRO DIPLOMADO)

GRANDE SORTIDO DE RELÓGIOS, QUE VENDE BARATO
PARA VENDE: MUITO

Representante dos afamados relógios UNIVERSAL, o mais avançado

aperfeiçoamento da Técnica Relojoeira Suíça

UNIVERSAL POLEROUTER JET

(MICROTOR AUTOMÁTIC)

O relógio mais aperfeiçoado do mundo!

SINCAL

WV Made in Portugal

Fabrica
o que há
de mais moderno
em lixas

SINCAL

WV LIXAS PARA
TODOS OS FINS

Especialidades dos Estabelecimentos *Arantes*

Sonhos e Paralelos * Fitas de carpinteiro

CAFÉ ESPECIAL — PUDINS

Bacalhau Recheado

Vinhos Branco e Tinto

Propriedade vende-se

Em Vila Frescainha, S. Martinho, lugar da Agrela, casa de chão e horta pertencente a Manuel Pereira de Brito.

Recebem-se prepostas, caso venha. Falar com Secundino Pereira de Brito, em Vila Frescainha S. Pedro.

Talhões na Quinta do Olival

Vendem-se talhões de terreno para Construção, na quinta do Olival, dentro da área da cidade e com perspectivas de um futuro próximo se tornar na mais agradável zona de Barcelos.

Informa. Domingos Pires Lavado ou José António Pereira.

Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, L.^{da}

FABRICO DE:

Fios de Algodão Cardados
e Penteados

Fios de Fibras Artificiais

PARA:

Tecelagem, Malhas, Pesca e Passamanarias.

Retorcedura—Tinturaria—Branqueação



Rua Cândido da Cunha

BARCELOS

TELEFONE 82313

ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua da Fábrica, N.º 21

PORTO—TELEFONE 24526



Fábrica de Malhas

Interiores e Exteriores

TÊXTIL VALE DO CÁVADO

S. A. R. L.

APARTADO, 15

BARCELOS (PORTUGAL)

TELEFONE. 82808

O Barcelense Desportivo

Sporting: Anatomia do êxito

A regra é invariável, a decepção é sempre a mesma — no futebol como no cinema, na arte como na literatura... —: o contacto com a realidade dá-nos uma impressão aquém da imagem formada através da opinião escrita (principalmente) e oral. Cabem à crítica, naturalmente, embora atenuadas as responsabilidades por estes frequentes desenganos; se é certo que a simpatia deve fazer parte dos atributos do crítico-crítico (é necessário a não-confusão com o superficial e pseudo-crítico) tendo em vista a obtenção dum julgamento seguro e dum análise atenta e interessada do objecto criticado, não é menos verdade que essa mesma simpatia leva por vezes o cultor da crítica, que é sempre (ou deveria sê-lo) um apaixonado do seu mester, a emitir juízos, perante fenómenos alheios à sua predilecção, muito próximos do unilateralismo, e por conseguinte susceptíveis de discordância e também... de crítica.

Tudo isto vem a propósito da sensação-Sporting 65-66, que eu conheci apenas por intermédio da imprensa. Eu ia preparado para a decepção (de que a crónica nortenha amargamente se fez eco) mas não a senti; bem pelo contrário, fiquei surpreendido e conquistado por este Sporting *see look*, intérprete perfeito do futebol moderno, equipa simplesmente espantosa. Só deste modo, aliás, se poderá compreender que ela, praticando um jogo que se não pode classificar «de ataque», segundo a antiga nomenclatura futebolística, não tenha atraído sobre si as reticências e a não-adesão dos mais qualificados cronistas do nosso futebol, formados numa época em que o *association* indígena claramente fica a perder no confronto com o actual, mas que se caracterizava fortemente pelo seu conteúdo atacante.

Não sendo uma equipa «de ataques» (antiquada, esta expressão!) ou antes de ataque puro (porque, enfim, todas as equipas jogam ao ataque, cada uma à sua maneira o *team* leonino tem a média exacta, nos 15 jogos realizados, de 3 golos marcados por desafio; um relance pelas tabelas dos recém-concluídos campeonatos brasileiros e argentinos e das ligas da Espanha e Inglaterra, das provas nacionais da França e da Itália mostram que aquela percentagem jamais é igualada: 2 golos por jogo é, naqueles países, média excelente! A defesa, por seu turno, sofreu 15 golos, menos de 1 por jogo, o que é ótimo, mesmo nas equipas italianas, especializadas no *catenaccio*. É notório o equilíbrio, numa equipa que tem somente 5 pontos perdidos, em 36 possíveis.

Qual a explicação para tão estupenda carreira? Não se poderá encontrar, certamente, no dispositivo tático — o 4-3-3, com as variantes 4-2-4 e 4-4-2 — comum a outras equipas. De resto, o 4-3-3 é já velho no nosso país; lembro-me, por exemplo, de que Yustrich o empregou no F. C. do Porto, na época de 1957-58. E todos sabemos, aliás, que no estádio alcançado pelo futebol d'hoje, não há lugar para milagreiros sistemas táticos. A explicação do fenómeno sportinguista não filia raízes, portanto, no plano de jogo; mas deve fillar-se na interpretação (superior) que lhe dão os jogadores sportinguistas, possuidores dum inteligência futebolística acima do comum; eles conseguem, de modo singular, a transposição das idéias do campo técnico para o prático, alcançando, com invulgar felicidade, realizar a assimilação completa da orientação técnica. Os jogadores do Sporting são, em qualquer circunstância, *the right men in the right place*, encontrando sempre, para todos os problemas, a melhor solução. Isto significa, de certo, que o quadro verde-branco já ultrapassou a barreira da imaturidade, da inexperiência — duas palavras-slogans que pretendem explicar a pálida época do F. C. do Porto, cujos elementos, embora jovens na maioria, estão carregados de experiência.

Para além da perfeita execução do plano tático, os jovens futebolistas lisboetas evidenciam uma versatilidade, uma maleabilidade de jogo quase sem paralelo nos nossos campos de jogo: eles parecem conhecer, quais boldfingers do futebol, todas as respostas possíveis do adversário, anulando-as primeiro, desenvolvendo então o seu jogo, pluriforme e imprevisível: o futebol-tricof a meio campo, a jogada típica do 2-1, o passe longo e matemático, a bola para as faixas laterais do ataque, onde não há extremos, mas aparecem jogadores a captá-la, e as jogadas estudadas para Moraes, que é defesa direito, médio e extremo do mesmo lado consoante as fases do jogo.

Nesta equipa do Sporting, estruturada e personalizada, tremendamente pática, não há lugar para «flores», para os bonifinhos; o seu objectivo é só um: o golo e a vitória, procurado com afã através de um futebol total. Isto exige um extraordinário desgaste físico-anímico; mas para jovens (há apenas 2 semiveteranos, soberbos atletas: Figueiredo e Moraes) isso é quase nada; porque os vinte anos resistem a tudo, aguentam todos os andamentos.

Mas será o Sporting uma equipa de técnica grosseira, como se poderá pensar? Não, de modo algum; no futebol sportinguista, a técnica aproxima-se do estado puro, quer dizer, passa quase despercebida, na medida em que a técnica pura se caracteriza, passe o paradoxo, pela ausência da técnica no sentido corrente; um exemplo desta não-técnica é-nos dado pelo jogador que funde num só três movimentos distintos: recepção da bola, seu domínio e passe. Alguns jogadores do Manchester revelaram-se magníficos intérpretes deste tipo de futebol, no recente encontro com o Benfica, que por seu turno, jogando para um não-resultado — à defesa, para o empate ou perder por poucos —, praticando, em largos períodos do jogo um futebol frio, calculista, rierista (de Riera), congelando a bola, deu a muita gente a ilusória sensação de ser tecnicamente superior aos ingleses.

E há ainda uma faceta simpática a registar: jogando contra um Leixões diabólico, possuído de uma determinação insuperável, cujos jogadores entravam à bola e ao homem sem contempelações, por certo sabedores que o futebol é, antes de ser uma arte e uma ciência, uma luta (a luta pela posse de uma bola disputada por dois adversários) os homens da camisola verde-branca revelaram exemplar formação moral e profissional, não se queixando ao árbitro, ao contrário do que acontece com certas estrelas do futebol português, que dão, infalivelmente, em idênticas circunstâncias, *show* — um *show* ridículo e infantil.

Admirável Sporting-65-66! — que bem pode continuar na Taça dos Campeonatos Europeus de 66-67 a carreira brilhante do Nacional português.

J. J. ROD

Camião de Carga de Aluguer

Raio de acção—50 Km, com sede na freguesia de Balugães

Está à disposição do público, no lugar de S. Bento, da referida freguesia. Telefone, 96057.

Fábrica de Malhas Falcão

DE ANTÓNIO FALCÃO

FABRICAÇÃO
E TEXTURIZAÇÃO
DE FIOS DE
MOUSSE NYLON.

TODOS OS TIPOS DE PEÜGAS
PARA HOMEM E CRIANÇA. MEIAS
NYLON PARA SENHORA. CON-
FECCÕES DE INTERIORES E EXTE-
RIORES

TELEF. 82596
Apartado 19

BARCELOS

No 55.º Aniversário

(Continuação da página 1)

intencionados e temos feito obra que é palpável pelo número de assinantes ultimamente entrados. É de tal modo o ritmo crescente que o podemos avaliar em cerca de setenta novos assinantes por mês! Sem campanhas, sem forçar ninguém, sem impôr, sem dizer quem somos ou o que fazemos. É esta uma grande consolação, pelo menos esta, já que muitos não compreendem a vida ingrata dos jornais de província.

Uma palavra amiga de agradecimento aos ilustres Colaboradores e Correspondentes de «O BARCELENSE». O vosso trabalho, base deste progresso que nos orgulha, é digno de louvor, e se realmente Deus ouve os seus humildes filhos, aqui Lhe pedimos bênçãos para aqueles Amigos dedicados que durante um ano nos obsequiaram com os seus artigos, cheios de conteúdo, de interesse, verdadeiros hinos à Terra, e ao seu progresso. Aos estimados Assinantes, o nosso apreço por terem vindo aumentar o número da família do nosso Jornal. Procuraremos sempre ser melhores, claro está que até ao momento em que nos deixarem, mas depois outros... depois outros farão aquilo que não conseguimos ou não soubemos fazer. Não podemos esquecer os prezados Anunciantes. Têm bem razão de nos «escorraçar», mas nunca aconteceu isso, têm sempre um anúncio para «O BARCELENSE», por estima, por necessidade, enfim, pelos dois motivos, naturalmente. Muito obrigado para todos.

E chegamos ao fim, pois pouco mais nos é permitido dizer.

O homem ao conceber a sua obra pode falhar, mas ao realizá-la, com Fé, fá-lo com a consciência plena de que ela é humanamente perfeita e perfeitamente ajustável ao plano concebido. O futuro, que a Deus pertence, esse pode dizer se a resultante de todo o trabalho executado é digno de ser exaltado, esquecido ou rebatido. Por isso

Foram, em seguida, postos à discussão e votação o Relatório, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal, tendo estes documentos sido aprovados por unanimidade. Aprovada, portanto, a proposta do Conselho de Administração para a aplicação dos Resultados da gerência finda, ficaram o Capital e Reservas do Banco Pinto & Sotto Mayor elevados a 413 mil contos.

Antes de encerrar os trabalhos, o Sr. Prof. Dr. Rodrigues Queiró pro-

feriu palavras de muita admiração pelo extraordinário desenvolvimento do Banco, acrescido todos os anos, e pelo esforço realizado pela Administração para atingir o referido objectivo.

A terminar, o Prof. Dr. Rodrigues Queiró referiu-se ainda muito elogiosamente às qualidades do Sr. Dr. Carlos Barbosa, a cuja memória, disse, prestava também rendido preito de sentida homenagem.

«O Barcelense» como órgão regionalista, conhecedor dos benefícios conferidos pelo Banco Pinto & Sotto Mayor aos habitantes do concelho, sendo precioso veículo de expansão económica da nossa região, não pode nem deve deixar de felicitar os Homens que tão inteligentemente dirigem o Banco Pinto & Sotto Mayor, credores mais que da admiração e apreço de «O Barcelense», mas, e dum maneira geral, de todos aqueles que querem e se ufamam de um Portugal maior. É isso que os Administradores do Banco Pinto & Sotto Mayor estão a realizar.

Para os homens de Barcelos, da Agência do Banco Pinto & Sotto Mayor, na pessoa do seu dinâmico gerente, são-lhes extensivos os votos de felicitações, porque eles, também, com o seu trabalho ajudam a tornar o seu Banco maior, ao mesmo tempo que impulsionam industrial, comercial e agricolamente o grande concelho de Barcelos.

Casa do Povo de Carapeços

AVISO

Com efeito a partir do dia 12 de Fevereiro de 1966, está aberto concurso para o provimento do lugar de médico privativo da Casa do Povo de Carapeços, do concelho de Barcelos pelo período de 30 dias.

A documentação deve ser enviada para a sede deste organismo até ao dia 13 de Março.

Casa do Povo de Carapeços, 7 de Fevereiro de 1966.

O presidente da Comissão Administrativa,
Valentim Pereira Braga

Anúncio publicado em «O Barcelense» em 12-2-1966, no n.º 2856.

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Nos autos de Assistência Judiciária requerido por Manuel Francisco Marques, casado, agricultor, residente no lugar de Barreiro de Cima, da freguesia de Paço Vedro, do Julgado Municipal de Ponte de Barca contra Manuel António dos Reis e mulher, residentes no lugar dos Carvalhinhos, da freguesia de Durrães, desta comarca e Outros, é citado o requerido José Maria Alves Fernandes, casado, residente em parte incerta e que teve a sua última residência conhecida no referido lugar dos Carvalhinhos, da freguesia de Durrães, desta comarca, para no prazo de 5 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, o pedido para concessão do benefício de assistência judiciária feito pelo requerido Manuel Francisco Marques, a fim de propôr contra o citado e outros, acção ordinária de investigação de paternidade ilegítima, com os benefícios da assistência judiciária previstos na alínea b) do artigo 1.º do Decreto-lei n.º 33 548, sob pena de seguirem os demais termos da lei.

Barcelos, 28 de Janeiro de 1966

O Secretário
Domingos Lima da Costa

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária,
Raul Bernardo da Mota Prego Cunha
Soares de Moura Pereira Leite

o futuro nos julgará, na certeza de que a nossa intenção é pura, qual água cristalina.

R. C.

É PRECISO MAIS

(Continuação da página 1)

tempo, notará um surto de progresso, que, comparado ao que se tem realizado em Barcelos, deixa-nos entristecidos. Há qualquer coisa que faz emperrar o seu desenvolvimento, como travão que impede o aceleramento de obras e quejandos benefícios, que elevariam o nosso concelho àquilo que ele merece e tem direito.

Há muita coisa a fazer e poderia citá-las aqui, mas deixo isso aos barcelenses que dirigem e interferem nesses assuntos ou têm neles influência. O amor à terra, o bairrismo e orgulho que eu sei existir em muitos barcelenses, seria o suficiente para concretizar muitos projectos, que sei existirem em teoria, mas que não passam disso, certamente por falta de acção conjunta e iniciativa capaz. Há, na verdade, alguma coisa que é preciso exterminar. Esse defeito vem de longa data e não é de hoje.

Muitos barcelenses ilustres trabalharam a favor da nossa terra. Todavia houve e há sempre um mas, que impediu e impede de se levar por diante melhoramentos importantes e à altura da categoria da nossa cidade e vastidão do nosso concelho. Esse óbice reside na falta de união dos barcelenses e suas desinteligências. Esta espécie de divisão prejudica todas as iniciativas e boas vontades que apareçam. Quando surge um barcelense capaz de levar por diante um projecto determinado e benéfico, logo surgem os detractores e mal intencionados, que conseguem o seu objectivo de fazer fracassar essa iniciativa.

Com uma indústria relativamente aumentada e progressiva, elemento hoje principal no desenvolvimento de qualquer região parece-nos que haveria oportunidade de aproveitar esse enri-

Regionalismo, Proficiência e Probidade

(Continuação da página 1)

das não chegou a gastar o dinheiro da sua traição: os 30 dinheiros foram o preço do seu enforcamento voluntário, cheio de arrependimento). Além disso, passado o entusiasmo do momento, que ele produz, dissipado o último centavo, aliás depressa, (dinheiro mal ganhado água o deus, água o levou), ficar-se-á a pensar na sua procedência e no mal que causou ou no bem que deixou de fazer. A consciência será, então, severa na acusação, o julgamento público não se fará esperar e a condenação será pesada, — a votação ao desprezo, ao ostracismo.

E, quando o grande portão do Além se começa a dividir na névoa da distância, passada em revista a nossa vida, constatar-se-á quanto foi vão o nosso intento, de que nos serviram todos os atropelos que demos à consciência, e lamentar-se-á, bem amarguradamente, e sem remédio, a falta de obras humanitárias e de sacrifícios para ofertar a Deus que nos começa a chamar...

Por isso, meu caro Rogério, felicito-te, efusiva e duplamente, pelo aniversário de «O Barcelense» e por essa irrepreensível conduta, e exorto-te a que prosigas, sempre, assim, sem desvios, sem tergiversações, porque fruirás, em toda a tua vida, a tranquilidade da consciência e a satisfação do dever cumprido; a admiração e o reconhecimento da Comunidade, a bênção e benesses do Altíssimo.

Quanto mais árdua for a luta, quantos mais escolhos e detractores tiveres de vencer, mais sacrifícios terás (a Vida por via direita é sacrifício) e quantos mais sacrifícios sofreres, mais mercês receberás do Criador, mais direito terás ao Prémio Divino, à paz e felicidade eternas, no Seio de Deus!

Lisboa, Fevereiro de 1966.

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA
Cap.

quecimento, para levar por diante aquilo que falta em Barcelos e já existe há muito noutras localidades menos importantes. Não as quero citar, nem fazer comparações, porque estão à vista de toda a gente. Apenas desejo que os barcelenses, mas todos, sem olhar a idealismos, sem vaidades, pondo de parte despeitos e antipatias, se unam e trabalhem a favor da terra que lhes foi berço, deste Barcelos que reúne óptimas condições para ser uma das lindas terras de Portugal.

De ano para ano aumenta o número de turistas, vindos especialmente da Europa e compungem-nos verificar que faltam aqui muitas comodidades e passatempos. Chegam, apreciam as belezas naturais, admiram o nosso lindo Rio Cávado, gostam imenso da feira semanal e pouco mais os distrai. Chegam e desaparecem como fogachos, não demorando mais tempo que o suficiente para fazerem uma ideia do que é a nossa terra.

Se se conseguisse eliminar a tal desunião, factor principal da pa-nacea que reina na nossa cidade, ver-se-ia como tudo se modificava e então teríamos orgulho e satisfação em proclamar: Barcelos é uma das mais lindas e prósperas terras do Norte. Barcelos merece ser visitada pela maior parte dos turistas. Assim, apenas lhes podemos oferecer as belezas panorâmicas deste lindo recanto minhoto. E isto só é pouco, muito pouco.

António Rego

AZIUMES DUM HOMEM DE MAU HUMOR

A passagem de mais um aniversário deste querido jornal que é «O Barcelense», obriga-me a felicitá-lo, porque, na sua longa vida, desde o longínquo dia em que Rogério Calás de Carvalho iniciou a sua publicação, tem sido bom, leal e digno servidor, tanto de Barcelos, quanto da Nação.

Sem dúvida que, de algum modo, «O Barcelense» é uma instituição particular e profissional, de que vivem algumas famílias.

Mas, para lá do quadro material que esse aspecto representa, há uma missão de Apostolado, de defesa desinteressada de alguma coisa — de Barcelos e para a região — defesa que se tem realizado com dignidade e apuro, com correcção e, sempre, numa tendência para mais progressiva competência e mais íntegra seriedade.

Este, o legado moral de Rogério Calás de Carvalho e, creio, que toda a gente, não no coração e testemunho leal à verdade, não pode deixar de o reconhecer.

Longa vida, pois, para «O Barcelense», na Trilha proba e honrosa que lhe traçou — e sempre seguiu — Rogério Calás de Carvalho.

Falcão Machado

Casa Aluga-se

No lugar do Samo, em Vila Cova aluga-se casa com quintal. Informa o Sr. Tiago Novais Alves, Telefone 82117 de Vila Cova.

Cartas de algures

(Continuação da página 1)

públicos, especialmente vias de comunicações em suficientes condições que permitam o movimento de viaturas automóveis na previsão de chamadas de socorros urgentes.

Convém que se mantenha vivo, em palavras e obras, o desejo permanente de mais e de melhor.

Todavia por agora e reportando-nos a um problema que julgamos ser de interesse regional, desejáramos aproveitar a maté para dizermos algo a respeito do chamado vinho americano.

Desde há bastante tempo que era nosso propósito manifestar o desejo de que ficasse registado nos arquivos o original pensamento dum leigo em assunto de tal magnitude, tratando-se, embora, dum opinião impertinente, audaciosa, atrevidamente discordante do parecer dos mestres e de várias pessoas entendidas na matéria, isto é, no problema vitivinícola. Fazêmo-lo fiados na generosa condescendência de todos e crentes de que reconheçam nossa absoluta boa fé. Não temos no caso o mais ligeiro interesse material. Simples consumidor, e dos menores, situação aliás do nosso agrado e perfeitamente concorde com o nosso exíguo poder de compra. Referimo-nos ao chamado e muito discutido vinho americano. Autorizadas vozes têm sido erguidas contra a existência dos produtores directos, sob o fundamento de que são nocivos ao conceito de genuidade do vinho regional.

Nós, leigos, adeptos do mais profundo respeito pelo libérrimo direito de propriedade, somos de opinião que a cada dono de terra arável deve ser facultado cultivar tudo quanto lhe aprouver, salvas as restrições contidas em lei justa, imposta pela defesa do interesse geral da Nação.

Condenável e punível seria a mistura, quando feita para negócio, do vinho americano com o vinho regional, neste caso considerada fraude. Mas, a cultura da videira americana, considerámo-la defensável, atendendo à economia do tratamento, à frescura da sua sombra (recorte e consistência da folhagem), ao agradável aroma do seu fruto, e, finalmente, ao preço generoso, mas compensador, com que as uvas americanas, conduzidas ao mercado, podem favorecer as classes que só dispõem de modestos recursos económicos.

Não conseguimos compreender o facto de ser possível praticar, na Região do Vinho Verde, o livre comércio dos vinhos do Douro, da Bairrada, do Dão, de Torres, quem sabe se do Poço do Bispo, e que se não se possa vender, dentro da mesma Região, sem disfarce, abertamente, o chamado vinho americano, nessa mesma Região produzido!

Era isto que eu desejava ficasse impresso, na intenção de que, um dia, daqui a cem anos, quando os historiadores buscarem nos arquivos das Bibliotecas Públicas elementos de informação na parte respeitante ao estudo dos problemas económico-sociais postos nos tempos de hoje, e referirem a questão vitivinícola, possam anotar em suas crónicas que durante o debate resultante de haver diversos interesses materiais postos em jogo se ouviu uma voz, cantando loas em louvor do vinho americano, em tom ainda mais irreverente do que foi, ao Rei da Arábia, o atrevido rapaz cuja proesa Mestre Ramalho magistralmente fantasiou em um Volume das famosas «Farpas».

João de Santo André

Vende-se

Carro de mão calçado com pneus.

Recauchutagem Correia
BARCELOS

Empregado de Escritório

Precisa-se, livre da vida militar.

Informa este Jornal.

Porque não poupamos todos?

(Continuação da página 1)

estar na sua mão aquele desiderato de economia. E há-as felizmente, embora tendam a desaparecer. Há as que, em prejudicando o Estado, por exemplo (e aqui é que os escrupulos não são muitos) compram selos e os rasgam, para assim o compensar, dando valores monetários por... nada, já que não ocuparão os serviços do mesmo Estado no que respeitaria à qualidade e valor do selo.

Atitude de idealistas? Não; integridade de consciência, apuro moral, concordância de palavras e de obras.

Quem vai atrás disso?!

Mal dum povo se não houvesse muitos elementos destes que, no silêncio da sua alma e na solidão do seu trabalho não pensasse e agissem assim. Felizmente que os de poucos escrupulos não são a maioria. Eles julgam que sim, que é tudo igual mas enganam-se a si próprios muitas vezes para abafar os gritos da consciência que reage e enquanto reage. Outras vezes para se compensarem de hipotéticos prejuízos ou se pagarem, por suas próprias mãos, de serviços que se convencem ter prestado, serviços que não valeiram nada, que não foram serviços, que foram maus serviços. É mal pagarem-se por si, mas é pior quando não têm de que se pagar e se pagam mesmo, quando eles é quem deviam pagar pela nulidade que são, pelo trabalho que não realizam, pelo atraso em que põem as coisas, pelo odioso que lançam sobre as instituições e das quais, por um golpe de sorte e de compadrio apanham os cargos. Tantas vezes factores de descrédito, de inimizades, de sofrimento moral, de desentendimento na sociedade!

E é disso que se pagam?

Queixosos da modestia de vencimentos tentam-se à desforra pela compensação iníqua. E esquecem frequentemente que nem esse salário ou vencimento merecem, que não produzem trabalho equivalente; que empatam a máquina quando tinham o grande dever de a ajudar, de a empurrar para diante, de a manter em bom funcionamento!

Para isso foram contratados. Aceitaram o compromisso, juraram, talvez, cumpri-lo bem.

Como? E haverá sempre exiguidade de vencimentos? Não haverá mais que uma renda a pagar, uma casa a manter, uma família a sustentar ou uma mulher a mais no rol da legalidade? E superfluidades e luxos e caprichos caros e decências escusas e jeitos?

Estão-nos presentes casos de deslocções inteiramente prejudiciais para organismos, mormente do Estado, em que se ocupam carros quando há comboios e a horas que sirvam.

Para deslocação dum grupo (es-

Fazem Anos

No dia 10 do corrente completou 51 anos o nosso estimado amigo Sr. Raúl Pereira Magalhães, funcionário camarário.

Os nossos parabéns.

— No dia 15 faz 64 anos o nosso prezado amigo Sr. Justino Martins da Costa, proprietário da freguesia de Góios. Muitos parabéns.

— No dia 17 tem o seu lar em festa a dedicada esposa do nosso preclaro amigo Sr. Paulo Pereira, Sr.ª D. Laurinda Guimarães Pereira. Por essa data tão querida, daqui lhe endereçamos os nossos sinceros votos de feliz aniversário.



Padre Bonifácio Elias Barbosa Lamela

Terno de Missa no 7.º Dia do seu falecimento

Em sufrágio da sua Alma e para seu eterno descanso, vai rezar-se, na próxima segunda-feira, dia 14, pelas 8 horas, na Igreja de Nossa Senhora do Terço, as missas do sétimo Dia, e para este piedoso acto pede-se agradecida e bem sentida presença.

Barcelos, 12 de Fevereiro de 1966.

tamos na época dos grupos) para abrilhantar um acto cívico percorreu um autocarro cerca de quatrocentos quilómetros quando o podia ter feito com duzentos. Em vez de ser da terra da festa, deveria ser da terra do grupo e não fazia duas viagens para o ir buscar e levar.

É necessário que os responsáveis por coisas destas acordem e se resolvam a poupar também. Então haverá mais lógica e equidade na vivência dum povo e dum País que todos dizem não ser rico mas em que, por vezes, se exhibe um luxo tolo como recentemente mereceu reparo de Salazar em confronto com a moderação inglesa, do período da guerra.

Cosme do Vale

Padre Bonifácio Lamela

Barcelos ficou mais pobre de elementos humanos, com a morte do Senhor Padre Bonifácio Lamela, o Padre Lamela do Circulo Católico ou de Nossa Senhora do Terço. Gerações sucessivas viveram com ele, aprenderam a amar Cristo, tornaram-se Homens úteis para a sociedade e para a Pátria, erguendo bem alto a trilogia Deus, Pátria e Família.

Sabiamo-lo doente, mas a notícia da sua morte foi como que inesperada pois a robustez do Padre Lamela não fazia supor tão rápido desfecho. A sua energia, a sua teimosia em se agarrar à vida e às Instituições, tornaram-no num Homem querido e amado por aqueles que o conheciam, pela massa operária, por todos aqueles que passaram pelo Circulo Católico. A sua palavra de ordem era respeitada, era tida como a mais própria: nunca se fazendo nada sem o seu acordo, pois era a alma do Circulo, e o Mestre, sim o Mestre para tantos alunos, para milhares de barcelenses que hoje assentam arraiais nas sete partidas do Mundo.

O Padre Bonifácio Elias Lamela contava 87 anos de idade e era irmão das Senhoras D. Olívia e D. Quitéria Lamela. Foi fundador e actual Presidente do Circulo Católico de Operários e era capelão da Igreja de Nossa Senhora do Terço.

Na terça-feira, o saudoso extinto foi trasladado de sua casa para a Igreja de Nossa Senhora do Terço, onde o caixão ficou depositado. Na quarta-feira pela manhã foi celebrada missa de Corpo Presente, tendo-se efectuado o funeral pelas 16 horas, desta Igreja para o Cemitério Municipal onde o corpo ficou depositado em jazigo de família. Incorporaram-se no cortejo dezenas de pessoas, organizações católicas, confrarias, numerosos sacerdotes e as duas Corporações de Bombeiros. O cortejo fúnebre foi presidido pela Confraria de Nossa Senhora do Terço.

«O Barcelense» apresenta à ilustre família enlutada o seu cartão de pesar.

FELICITAÇÕES

Da Câmara Municipal da Figueira da Foz — Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás — recebemos a seguinte carta:

Director de «O Barcelense»

1ª Barjona de Freitas, 26 e 28

BARCELOS

7 de Fevereiro de 1966.

Ex.º Senhor:

Ao iniciar «O Barcelense» uma nova etapa da sua já longa e prestíssima vida, muito me apraz vir cumprimentar V. Ex.ª, ao mesmo tempo que lhe trago os melhores votos de largo e próspero futuro para esse jornal e saúdo todos os seus distintos colaboradores.

Uma vez mais muito grato pela oferta de «O Barcelense» a esta Biblioteca, firmo-me com os protestos da mais elevada consideração,

De V. Ex.ª

O Director da Biblioteca,

António Vitor Guerra